

# **Rezadores e Rezadoras de Ladainha no Marajó: hierarquias, tensões e alianças no cotidiano do Catolicismo em Ponta de Pedras<sup>1</sup>**

Cintia Nayara Ribeiro de Sousa (UFPA/Pará)

Antonio Maurício Dias da Costa (UFPA/Pará)

## **Resumo**

A fé católica está ligada diretamente ao processo colonial no Brasil, por se tratar da religião oficial de Portugal. Como instituição seus meios de atuação perpassam pela moralização dos costumes e pela catequização. O fim do império em 1889 significou o término dessa hegemonia e a perda de espaço como religião oficial. Mudanças importantes também ocorreram na própria Igreja a partir do Concílio Vaticano II. A Igreja na Amazônia enfrentou obstáculos diversos para a evangelização, principalmente, por conta das grandes dimensões do território e a falta de sacerdotes. As metodologias empregadas foram as desobrigas, registradas desde o período colonial, e em seguida foram implementadas as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) (Gordiano, 2017). Nesse contexto, a atuação de lideranças leigas era indispensável a fim de que as comunidades mantivessem a fé mesmo sem a presença dos sacramentos. A devoção aos santos representou um caminho para realizá-lo. O trabalho tem por objetivo ressaltar a experiência dos rezadores e rezadoras de ladainhas, que na ausência de sacerdotes, conseguiam reunir as pessoas para orações comuns, cantadas em latim próprio do aprendizado oral. Trata-se aqui de evidenciar a relação estabelecida entre os leigos e a hierarquia oficial da igreja com seus conflitos, acordos e alianças. Aponta-se então uma escala temporal de permanências e mudanças na forma de dirigir esse ritual. A pesquisa é qualitativa, um trabalho antropológico, uma antropologia conforme Ingold (2015) construída com os atores e não apenas sobre eles. Os métodos serão: a história de vida (Kofes, 1994; Thompson, 1992) e também a observação participante, na busca de estabelecer um diálogo com os interlocutores (Uriate, 2012). Portanto, partirei da perspectiva dos sujeitos, leigos e leigas, rezadores e rezadoras de ladainha de Ponta de Pedras e seus associados, e não da hierarquia clerical da Igreja Católica. Será apresentada a dinâmica do campo religioso (Boudieu, 2007), ora tensa, ora de alianças, entre os especialistas do sagrado e os leigos. Dessa forma, esta relação pode ser denominada como “complementariedade contraditória” (Maués, 1995) marcante na história da Igreja no Brasil e presente na fala dos interlocutores que vivenciam diariamente o catolicismo.

Palavras-chave: ladainhas, controle eclesiástico, catolicismo popular, Marajó.

## **Introdução**

O processo colonial do que conhecemos atualmente como Brasil tem como contexto paralelo o ideal de expandir a fé cristã católica para o Novo Mundo, “inculto” e “sem fé”. Este catolicismo colonizador português é marcado por um apego grande aos santos cristãos, honrados em suas imagens. O catolicismo popular no Brasil incorporou

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

práticas sincréticas, uma proximidade grande dos devotos com os santos e elevado número de capelas (Macedo, 2008). Esta religiosidade popular é vivida a partir de elementos como: promessas, bilhetes, capelas e oratórios. No período colonial, os escravizados faziam suas próprias interpretações de crenças, expressa por modo particulares de praticar devoções e rituais (Vainfas e Souza, 2012).

De acordo com Maués (1995), o catolicismo popular estabelece uma relação de tensão com o catolicismo oficial da hierarquia da Igreja Católica, e não se limita a um catolicismo das classes populares, pois é uma forma de se viver o catolicismo observada em todas as classes, até mesmo no âmbito do próprio clero. Desse modo, o catolicismo popular concebido neste trabalho como aquele reconhecido enquanto prática católica, exercida pelos não especialistas do sagrado, ou seja, por leigos e leigas.

Tanto o catolicismo oficial como a religiosidade católica popular têm como fundamento a noção do sagrado. Porém a ambiguidade da denominação “popular” e seu uso geral, como um marcador referente às classes periféricas ou subalternas de determinada sociedade, podem gerar confusões Saraiva (2005). Maués (1995) aponta para este duplo sentido do termo que ora pode indicar práticas de camadas subalternas e ora pode ser entendido como divergente de uma experiência mais refinada. Por conta dessa ambiguidade do termo “popular” e pelos agentes associados ao catolicismo popular não se reconhecerem como “católicos populares”, usaremos essa literatura com ressalvas, pois se trata de um conceito divisório proposto pela academia e não legitimado pelos atores.

As ladainhas são expressões da fé católica “popular”, que tem por motivação a devoção e a promessa. A palavra tem origem no termo *litania*, que significa “pedir com insistência”, ou seja, através da repetição busca-se alcançar as graças e bênçãos por meio da intercessão e da ajuda dos santos e de Nossa Senhora. De acordo com Damino:

O vocábulo “ladainha” indicou sempre a forma de oração coletiva que foi sempre empregada, desde os primeiros séculos, pelos cristãos que iam em procissão às diversas igrejas ou estações para assistir ao divino Sacrifício, segundo a liturgia do dia. (Damino, 1957, p. 222)

Essa oração se pratica em recitações cantadas em português e latim, e possui uma unidade. De acordo com Sr. Luís<sup>2</sup>, a origem dessas orações no Marajó remete ao período

---

<sup>2</sup> Luís nasceu no município de Cachoeira do Arari, arquipélago do Marajó, em 1956. Atuava como mestresala da comissão da Irmandade de São Sebastião de Cachoeira do Arari no final da década de 2000 (Barros e Abufaiad, 2008).

da colonização, quando foram ensinadas pelos jesuítas e reinterpretadas pelos indígenas (Barros e Abufaiad, 2008) Em Ponta de Pedras, o ritual da ladainha possui uma diferença com outros municípios, como Cachoeira do Arari (Barros e Abufaiad, 2008) e Igarapé-Miri (Sinimbú, 2021). O município atualmente não possui grupos de folia. A separação em vozes pode ocorrer ou não, sendo cantadas em maior parte em uníssono e também sem o acompanhamento de instrumentos de corda ou percussão.

As ladainhas podem ser percebidas como espaços educativos em que os saberes circulam, onde se ensina e se aprende. Os rezadores se percebem como aprendizes, estão em constante processo de conhecimento ao longo de suas vidas. Seu conhecimento não é estático e acabado. Outros pesquisadores também percebem que não há uma escola de rezadores de ladainha, ou seja, as próprias ladainhas são as aulas nas quais são repassados os ensinamentos sobre essas práticas (Souza e Albuquerque, 2021). Ao mesmo tempo, ao se realizar uma ladainha, emergem memórias de uma coletividade social e familiar, pois a ladainha tem esse caráter de ser celebrada publicamente (Jesus, 2006).

O que pode ser percebido é o campo religioso (Bourdieu, 2007), pois dois grupos distintos são delineados nos dados empíricos: os leigos e a hierarquia da igreja. O campo religioso, em sua formação, destitui e desapropria objetivamente aqueles que não fazem parte do seu corpo de especialistas, ou seja, os leigos (ou profanos). Para que ocorra a constituição do campo religioso, acontece uma desapropriação objetiva de capital religioso e do trabalho simbólico acumulado pelos leigos, e essa desapropriação é reconhecida e legitimada por não ser percebida tal como é. O princípio dinâmico do campo religioso se dá pelas relações de transação entre especialistas e leigos, como também de concorrência que os fazem competir. Essa relação ora conflituosa, ora de acordos marca o intercâmbio entre sacerdotes e leigos.

Para Bourdieu (2007), a monopolização da gestão do sagrado e dos bens da salvação por um corpo de especialistas religiosos acarreta um reconhecimento social, ou seja, eles acabam por agir como os donos de uma competência específica e de um conhecimento que os outros não têm acesso. A tentativa radical de afirmar esse monopólio pode causar conflitos com os leigos que possuem prestígio e reconhecimento social pela sua proximidade com o sagrado, como no caso dos rezadores de ladainhas.

O controle eclesial é dado através da tentativa de conter a autonomia relativa dos leigos em suas devoções e festividades, classificadas como práticas do “catolicismo

popular”, na busca da disciplina e de regulação pelas autoridades religiosas. Em décadas atrás, no município de Ponta de Pedras, havia comunidades que passavam meses sem a visita de sacerdotes por conta de sua distância e da escassez de ministros ordenados. Assim, muitos leigos assumiam o papel de coordenadores de comunidade, ou os próprios rezadores de ladainha tomavam a frente de momentos de oração comunitária. Esse protagonismo dos leigos, por vezes, causava conflitos, simbólicos ou abertos. Em outros casos, era considerado como uma ajuda necessária. Heraldo Maués (1995) ressalta isso e o chama de “complementariedade contraditória”, envolvendo os leigos e a hierarquia da igreja.

## **Metodologia**

A pesquisa tem caráter qualitativo. A proposta é um trabalho antropológico de acordo com Tim Ingold (2015), uma compreensão generosa, crítica e comparativa do ser humano e suas maneiras de estar no mundo que partilhamos. Logo, os interlocutores farão parte desta construção como colaboradores, no intuito de fazer uma antropologia com e não uma antropologia sobre.

O método de história de vida foi adotado. Ele consiste em um tipo de metodologia qualitativa biográfica, que se baseia em entrevistas não diretivas e que podem ou não ser gravadas, na escuta, na qual o vínculo e a relação entre pesquisador e participante tornam-se fundamentais, e que deve ter como base a confiança mútua. Após a transcrição do material deve-se realizar a discussão e a análise entre o pesquisador e o participante (Nogueira et al, 2017). A história de vida trata de “interpretações individuais de experiências sociais” (Kofes, 1994 p. 118). Portanto, o objeto de pesquisa partirá de experiências particulares, das emoções, memórias, lembranças, do que é vivenciado no ambiente da comunidade e é considerado importante pela força da tradição e como as ladainhas são percebidas pelo grupo.

A observação participante busca proporcionar uma relação dialógica no intuito de criar familiaridade e construir um verdadeiro diálogo entre pesquisador e interlocutor (Uriarte, 2012). Essa experiência foi vivenciada a partir da participação de diversas ladainhas e da Trezena de Santo Antônio, compreendidas com o suporte das teorias, mas sem distanciar-se do potencial comunicativo da realidade.

## **Rezadores e rezadoras de ladainha e o clero: uma relação complexa, entre acordos e conflitos**

Os rezadores e rezadoras de ladainhas foram essenciais em um período de falta de sacerdotes em Ponta de Pedras, principalmente até as décadas de 1950 e 1960. Eles eram os responsáveis pelo núcleo da liturgia católica disponível, ou seja, os cânticos de ladainha. Os fiéis se reuniam para momentos de oração que eram seguidos por jantares compartilhados, patrocinados pelo dono da casa na qual aconteciam, e em alguns casos também haviam festas dançantes. Em muitas, os próprios rezadores tocavam seus instrumentos e cantavam músicas.

Em Ponta de Pedras, não há nenhum registro sobre a presença de irmandades como ocorreram ao longo do século XIX em muitas igrejas pelo Pará. Nelas as estruturas físicas de culto, o templo, eram a marca de identidade das mesmas (Figueiredo, 2001). No município, o que se observa são as devoções familiares por determinados santos. Ou seja, a identidade era determinada pelos sobrenomes das famílias e seus próprios patronos celestiais, o que na literatura ficou registrado como “donos de santos” (Maués, 1997).

Na década de 1950, chegou o primeiro sacerdote que estabeleceu residência no município de Ponta de Pedras, o italiano, Padre Guido Fossati. Ainda inexistia a casa paroquial ou a Catedral de Ponta de Pedras. Ele morou na sacristia da Igreja Matriz. O cura via com tranquilidade as ladainhas e não houve conflito direto. A situação começou a mudar com a criação da Prelazia em 1963, com a nomeação do primeiro bispo da Prelazia, Dom Ângelo Maria Rivato.

Portanto, a relação de controle eclesiástico presente neste momento entre as décadas de 1950 até 1990, se dava quase exclusivamente entre membros do clero e famílias do município. Com a criação da Prelazia em 1963, e principalmente, com a nomeação do primeiro bispo Dom Ângelo Rivato (jesuíta italiano), no ano de 1965, houve uma mudança importante: as capelas começaram a ser organizadas gradativamente no modelo de comunidades eclesiais de base (CEB's). Neste período de maior presença do recém nomeado bispo da Prelazia de Ponta de Pedras, os conflitos com os leigos representados pelas famílias foram acentuados.

Com a perda de independência, cada rezador e rezadora tomou suas próprias formas de agir e proceder, serão apresentados três casos dos seguintes rezadores: Antônio Platão, Cirena Gomes Amanajás e Orestes Benvindo dos Santos. A família Ferreira, Ribeiro e Baía recebeu uma porção de terra no século XIX, na pessoa do senhor Felipe Ferreira Ribeiro, que com a chegada de uma imagem de São Miguel vinda da Europa, e pela sua devoção, decidiu denominar o rio de Rio São Miguel. Foi construída inicialmente uma capela de madeira e o santo começou a ser festejado lá, essa capela ficava bem ao lado da sua residência. Também era rezada uma ladainha em sua casa e oferecido um grande banquete. Os rezadores eram da própria família

O senhor Antônio Platão, foi o herdeiro desta imagem familiar, e procedente de uma família de rezadores de ladainha. Aprendeu a rezar e aderiu à nova forma de organização eclesiástica. No Rio São Miguel, sua família já tinha construído uma capela, na qual a imagem do santo já permanecia. Doou em vida o terreno em que a capela está construída para a paróquia. Por muitos anos, até a sua morte, foi um dos coordenadores da comunidade São Miguel. Sua sucessora na oração da ladainha, Dona Rosa Baía, é atualmente a coordenadora da comunidade.

Um outro caso é o da Trezena de Santo Antônio. Mais que centenária, remonta à chegada da imagem de Santo Antônio vinda de Lisboa, trazida pela senhora Felícia Gomes. Depois dela, assumiram o encargo as suas filhas Cirena Gomes Amanajás e Marilene Amanajás. Dona Marilene faleceu antes de sua mãe. Então, as filhas de Dona Marilene - Dircilene, Milena, Fernanda e Luana – se encarregaram da festa junto com sua avó e também aprenderam a cantar a ladainha em latim.

A festa de Santo Antônio inicia-se com uma procissão fluvial no dia primeiro de junho. Em seguida, ocorre uma procissão pelas ruas da cidade. Na chegada da residência de Dona Cirena, o mastro é levantado e a imagem do santo volta para a catedral para participar da missa. De primeiro a treze de junho ocorrem, a partir das 20h, o terço, a novena, e a ladainha do santo. Em seguida, os novenários oferecem um jantar ou um lanche de acordo com suas possibilidades. No dia 13, de manhã, há a missa na própria residência, com benção e distribuição dos pães de Santo Antônio. No horário das 17h, acontece outra procissão pela cidade, na chegada fazem a descida do mastro, às 20h há programação normal.

Essa festividade é a que envolve mais conflitos com a igreja local, e remonta à chegada do primeiro bispo. Houve encontros verbais entre o bispo e Dona Cirena. A imagem que é de propriedade particular já ficou por um tempo na igreja matriz, sem a aprovação da família. Hoje, as missas celebradas são particulares, portanto, são pagas. O santo não possui capela vinculada à paróquia, tudo é realizado na residência da família.

No arraial, há venda de bebidas alcoólicas, prática que foi abolida nas festividades das comunidades vinculadas à paróquia. Então, atualmente, ainda ocorrem divergências. Dona Cirena, além de rezadora de ladainha, atuava em processos de cura, o que é denominado por interlocutores como um benção, que se utiliza de orações, jaculatórias e rezas, e que pode compreender práticas mágicas de cura (Costa, 2017). Nesse caso, Santo Antônio era invocado com bastante frequência e há ocorrência de um dom mediúnico de Dona Cirena Amanajás.

O senhor Orestes (1906-2013) ajudava na ladainha de Santo Antônio também junto de Dona Cirena e de Dona Marilene. Era um dos responsáveis pelo mastro. No entanto, sua família também promovia uma ladainha, a de São Raimundo Nonato. Sua mãe, Dona Amância, foi uma grande parteira do município de Ponta de Pedras e muito devota de São Raimundo Nonato, que é padroeiro das parteiras e muito solicitado pelas gestantes para que os partos ocorram de forma tranquila.

Dona Amância teria migrado do Maranhão para o Pará. Ela sabia rezar a ladainha e teria ensinado para seu filho Orestes Benvindo dos Santos. Gente da família me relatou que essa oração era cantada nas senzalas e teria sido aprendida lá. A relação do senhor Orestes com a hierarquia da igreja era escassa. Como seu filho enfatizou, ele não costumava participar das missas, preferia fazer suas orações em casa, e na maior parte das vezes, a ladainha era cantada.

Dessa forma, ele próprio geria sua relação com o sagrado, sem passar por intermediários, pela hierarquia ou pela frequência nos sacramentos, o que é uma marca forte desse catolicismo identificado, pelos estudos antropológicos e sociológicos, como popular. O senhor Orestes era muito solicitado para rezar ladainhas nas localidades ribeirinhas do município e atendia a todos os convites. Ele teve uma vida longa, faleceu com 107 anos.

As formas de lidar com a mudança e com a presença frequente de membros do clero foi diversa. Antônio Platão optou por contribuir com a recém-formada Prelazia.

Colocou-se à disposição o seu trabalho e a capela de sua família, e foi nomeado coordenador da Comunidade São Miguel. Dona Cirena enfrentou embates abertos com o bispo nomeado para a Prelazia. A sua Trezena de Santo Antônio, atualmente continua familiar e independente da paróquia, mas também sofre algumas restrições por conta disso. Já o senhor Orestes Benvindo dos Santos manteve-se fora da nova forma de gestão espiritual e se apegou à sua própria forma de devoção.

### **Considerações Finais**

Os rezadores e rezadoras de ladainhas são leigos católicos que possuem prestígio por conta de seu ofício, muitas vezes reconhecidos como detentores de um dom, pois suas orações têm o poder de proteção dos santos invocados, da mesma forma que especialistas de cura como benzedores e parteiras (Custódio, Videira e Bezerra, 2019). O dom é dado de forma gratuita e a pessoa a quem é concedido tem a obrigação transcendental de colocá-lo em prática.

Este prestígio foi mantido nos três casos apresentados - senhor Antônio Platão, dona Cirena Gomes e senhor Orestes Benvindo dos Santos - mesmo tomando atitudes distintas diante da nova ordem que o surgimento da Prelazia representou. Afinal, o prestígio foi construído no decorrer de anos de serviço, junto ao povo da cidade, em suas residências, nas comemorações de santos de devoção familiar. Por isso, esta fé persiste até os dias de hoje. As missas se tornaram frequentes até em localidades ribeirinhas distantes, porém as ladainhas se mantiveram, a despeito de sua diminuição por conta da morte de inúmeros rezadores antigos.

A complementariedade contraditória (Maués, 1997) é o que marca a relação entre hierarquia católica e leigos. Por um lado, a hierarquia traz as regras e os sacramentos, de outro, os leigos promovem suas festas e devoções. Essa normalização e controle pode acarretar reações contrárias dos leigos, que variam de afastamento de fiéis a embates verbais graves. Já os fiéis que apenas participam das festividades e não estão envolvidos na organização, percebem, na maior parte das vezes, os sacramentos e a devoção, os padres e os rezadores, as missas e as ladainhas como coisas complementares. Para eles, esses pares coexistem como elementos do universo de práticas espirituais e são consideradas como formas efetivas de catolicismo. O fato de acreditarem em práticas de cura e em outras cosmovisões religiosas, não os tornam menos católicos, pois sua

religiosidade envolve práticas culturais do cotidiano ligadas a um repertório que remonta à heranças advindas dos tempos coloniais, sintetizadas na forma de uma cosmovisão religiosa afroindígena (Custódio, Videira e Bezerra, 2019).

#### Referências Bibliográficas

BARROS, Lilian; ABUFAIAD, Verena. Folias de São Sebastião. Estudo da Transmissão musical. Cachoeira do Arari, Marajó, 2009. Belém: IPHAN, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo religioso. In: A economia das trocas simbólicas, 2007.

COSTA, Iracema Silva. Mulheres Benzedoras em Belém (PA): relações de gênero e trajetória religiosa. Gênero na Amazônia, Belém, n. 7-12, jul/dez., 2017.

CUSTÓDIO, Elivaldo S. VIDEIRA, Piedade L. BEZERRA, Moisés de J. P. dos S. As práticas culturais/ religiosas afroindígenas na Amazônia. Caminhos, Goiânia, v. 17, n. 1, p.80-95, jan/jul. 2019.

DAMINO, A. Na escola de Maria. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1957.

INGOLD, Tim. Antropologia não é etnografia. In: \_\_\_\_\_. Estar vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KOFES, S. Experiências sociais, interpretações individuais: Histórias de vida, suas possibilidades e limites. Cadernos Pagu, (3), 117–141, 2007. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1725>

MACEDO, Emiliano Unzer. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. Revista Ágora, Vitória, n. 7, p. 1-120, 2008.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Padres, Pajés, Santos e festas. 1997.

NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A.; ARAÚJO, A. D. G.; PIMENTA, D. A. O. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. Pesquisas e Práticas Psicossociais. 12 (2). São João del Rei, maio-agosto, e 1037, 2017

SARAIVA, Adriano Lopes. Religiosidade popular e festejos religiosos: aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. Revista Brasileira

de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, Maio, ISSN 1983-2850, 2010.  
<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>

SININBÚ, Renato. Ladainhas e Esmolações: práticas do catolicismo popular como espaço de formação musical no município de Igarapé-Miri (1940-1970) in: COSTA, A. M.; MORAES, C.; SILVA, E. M. (Orgs). História Social da Música Popular na Amazônia Paraense. SP: Livraria da Física, 2021. (p.69-87)

SOUZA, Paula Fernanda P. ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. Rezando também se aprende: saberes e práticas educativas das ladainhas em Breves-Pará. Revista Cocar. v. 15 N. 32/2021. p. 1-17.

SOUZA, Paula Fernanda P. ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. Rezando também se aprende: saberes e práticas educativas das ladainhas em Breves-Pará. Revista Cocar. v. 15 N. 32/2021. p. 1-17.

URIARTE, Urpi M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. Ponto Urbe, São Paulo, vol.11, p.1-11, 2012.

VAINFAS, Ronaldo e SOUZA, Juliana Beatriz. Brasil de todos os santos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.